

**TROCAS EPISTOLARES E A MEDICINA CASTRENSE EM ARAGÃO:
A PREOCUPAÇÃO RÉGIA COM A SAÚDE DO EXÉRCITO NO
CERCO À ALMERIA (1309-1310)**

**EPISTOLARY EXCHANGES AND MILITARY MEDICINE IN
ARAGON: THE ROYAL CONCERN FOR THE HEALTH OF THE
ARMY DURING THE SIEGE OF ALMERIA (1309-1310)**

**INTERCAMBIOS EPISTOLARES Y MEDICINA MILITAR EN
ARAGÓN: LA PREOCUPACIÓN REAL POR LA SALUD DEL
EJÉRCITO DURANTE EL SITIO DE ALMERÍA (1309-1310)**

Maria Dailza da Conceição Fagundes

Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora da Universidade Estadual de Goiás
– Campus Cora Coralina (UEG). E-mail: maria.fagundes@ueg.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.vi62.74977>

Recebido em 12/11/2024

Aceito em 25/12/2024

Notandum, ano XXVII, 2024 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Resumo

Neste artigo, a proposta centra-se no estudo sobre questões atinentes ao campo da medicina militar no reino de Aragão no século XIV, especificamente com a convocação de profissionais de saúde para atuarem durante o cerco à cidade muçulmana de Almeria. A correspondência oficial da Coroa aragonesa é uma importante fonte para o estudo da medicina castrense. As missivas redigidas no período de 1308 a 1310 fornecem informações acerca da preocupação do monarca Jaime II de Aragão (1267-1327) com a organização da expedição militar, a compra de medicamentos e a composição de uma equipe médica para participar do cerco. Outro escrito em análise é o *Regimen Castra Sequentium*, composto pelo físico catalão Arnaldo de Vilanova (1240-1311) e estruturada em torno de alguns temas atinentes à medicina militar, por exemplo, o local onde armar o acampamento e como purificar a água etc. A obra foi escrita com o objetivo de fornecer preceitos práticos direcionados à conservação da saúde do monarca Jaime II e a de seus guerreiros que, desde o verão de 1309, sitiavam Almeria no processo de Reconquista contra o reino muçulmano de Granada.

Palavras-chave: Medicina militar; Cartas régias; Coroa de Aragão; Idade Média.

Abstract

This article focuses on the study of issues relating to the field of military medicine in the kingdom of Aragon in the 14th century, specifically with the summoning of health professionals to work during the siege of the Muslim city of Almeria. The official correspondence of the Aragonese Crown is an important source for the study of military medicine. The missives written between 1308 and 1310 provide information about the concern of the monarch Jaime II of Aragon (1267-1327) with the organization of the military expedition, the purchase of medicines and the composition of a medical team to take part in the siege. Another work under analysis is the *Regimen Castra Sequentium*, written by the Catalan physicist Arnaldo de Vilanova (1240-1311) and structured around certain themes relating to military medicine, such as where to set up camp and how to purify water, etc. The work was written with the aim of providing practical precepts aimed at preserving the health of monarch James II and his warriors who, since the summer of 1309, had been besieging Almeria in the process of Reconquista against the Muslim kingdom of Granada.

Keywords: Military medicine; Royal charters; Crown of Aragon; Middle Ages.

Resumen

En este artículo, la propuesta se centra en el estudio de cuestiones relacionadas con el ámbito de la medicina militar en el reino de Aragón en el siglo XIV, concretamente con la convocatoria de profesionales sanitarios para trabajar durante el asedio a la ciudad musulmana de Almería. La correspondencia oficial de la Corona aragonesa es una fuente importante para el estudio de la medicina militar. Las misivas escritas entre 1308 y 1310 proporcionan información sobre la preocupación del monarca Jaime II de Aragón (1267-1327) por la organización de la expedición militar, la compra de medicamentos y la composición de un equipo médico para participar en el asedio. Otro de los libros analizados es el *Regimen Castra Sequentium*, escrito por el físico catalán Arnaldo de Vilanova (1240-1311) y estructurado en torno a ciertos temas relacionados con la medicina militar, como dónde establecer el campamento, cómo purificar el agua, etc. La obra fue escrita con el objetivo de proporcionar preceptos prácticos destinados a preservar la salud del monarca Jaime II y de sus guerreros que, desde el verano de 1309, asediaban Almería en el proceso de Reconquista contra el reino musulmán de Granada.

Palabras clave: Medicina militar; Cartas reales; Corona de Aragón; Edad Media.

Introdução

A Medicina castrense relaciona-se aos cuidados médicos em tempos de guerra envolvendo preceitos dietéticos¹ visando à manutenção da saúde e também medidas

¹ A dietética se insere na prática médica medieval que envolve os cuidados que devem ser tomados em relação aos corpos sãos, para se manter a saúde, considerando o ar e o ambiente de vivência do paciente, a alimentação e a bebida, os exercícios, o sono, banho, paixões da alma, etc.

Notandum, ano XXVII, 2024 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

terapêuticas² como a prescrição de medicamentos e o tratamento de ferimentos. No reinado de Jaime II³ de Aragão (1291-1327), durante o cerco à cidade muçulmana de Almeria, em 1309, assim como em outras campanhas militares, havia no acampamento uma equipe médica composta por físicos⁴, boticários, cirurgiões, barbeiros, menescais⁵, maqueiros e aprendizes, responsáveis por cuidar dos feridos nas batalhas. Nesse contexto, curar os doentes era um procedimento necessário para repor os cavaleiros nos combates. Assim, durante a organização do acampamento, era montado um centro médico de campanha, com vários profissionais, sobretudo cirurgiões e barbeiros, seus ajudantes e o corpo de maqueiros que, durante as batalhas, recolhiam os feridos, principalmente os que não podiam andar sozinhos.

A proposta central deste texto é apresentar questões atinentes à preocupação régia com os cuidados médicos no reino de Aragão durante as expedições militares. O estudo centra-se na medicina castrense no reinado de Jaime II de Aragão com ênfase no sítio à Almeria, em 1309, durante o processo de Reconquista contra o reino muçulmano de Granada.

No início do século XIV, a Coroa de Aragão vivenciava um processo de medicalização com a atuação de profissionais médicos com formação universitária. Por exemplo, temos físicos como Arnaldo de Vilanova que cursou a Faculdade de Medicina em Montpellier, entre outros. No período, com apoio dos monarcas, houve o aumento da presença de profissionais do campo médico nas campanhas militares.

Torna-se claro que os exércitos tardo-medievais eram acompanhados por profissionais de saúde em número crescente, cujo âmbito de atividade profissional se estendia desde os monarcas ou chefes militares e seus círculos mais próximos, até aos nobres e grande parte do exército. Ao mesmo tempo, é de salientar que havia cada vez mais trabalhadores de saúde com formação científica adquirida em universidades e/ou demonstrada através de exame. O ponto de viragem, no caso da Coroa de Aragão, com muito pouco ou nenhum atraso em relação às principais realidades sócio-médicas da época (Itália), deve situar-se no último quartel do século XIII [...] não se trataram de iniciativas isoladas, casuais ou sem continuidade, mas, pelo contrário, os cuidados de saúde com garantias são um dos elementos que nem os reis nem

² A terapêutica relaciona-se a parte prática da medicina no medievo com preceitos destinados aos corpos doentes para restabelecimento da saúde. Envolve a farmacêutica caracterizada pelo uso de medicamentos e a cirurgia marcada pela intervenção manual no tratamento de ferimentos.

³ Jaime II, o Justo nasceu em 1267, em Valência, e em 1291, com o falecimento do seu irmão, o rei Afonso, o Liberal (1285-1291), assumiu a Coroa de Aragão e governou até 1327. Jaime II interessava-se por assuntos ligados à Medicina. Assim como outros monarcas de sua época, optou pelo saber médico acadêmico ao contratar físicos procedentes, sobretudo, da Faculdade de Medicina de Montpellier para cuidarem de sua saúde e de sua família.

⁴ No contexto em estudo, o termo físico (*physicus*) era utilizado para referir-se aos profissionais da saúde que possuíam autoridade em relação ao conhecimento da *physis* (natureza) do corpo humano. Eram especialistas da arte de manter a saúde e também de prevenir e curar as doenças.

⁵ Termo utilizado na Coroa de Aragão para referir-se ao profissional especialista em cuidar dos animais, principalmente da saúde dos equinos.

Notandum, ano XXVII, 2024 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

os municípios deixaram de ter em conta na hora de fazer a guerra [...].
(CIFUENTES I COMAMALA, 1993, p. 480).

Assim, em momentos de guerra, os físicos e também aqueles profissionais que exerciam a prática da medicina sem formação universitária (cirurgiões, boticários, barbeiros, menescais, etc) eram recrutados pelo monarca Jaime II para compor a equipe médica especializada na arte de cura nos campos de batalha. Essa atuação médica como na Campanha de Almeria “[...] permitiu que muitos profissionais da saúde aumentassem a sua riqueza e posição social” (CIFUENTES I COMAMALA, 1998, p.154-155).

Para o estudo dos cuidados médicos em tempos de guerra, em especial aos relacionados ao cerco de Almeria, utilizamos como *corpus* documental o *Regimen castra sequentium* (1310), conhecido como *Regimento de Almeria*, do físico catalão Arnaldo de Vilanova⁶, e um conjunto de cartas escritas entre 1308 e 1310 que integra a *Cancilleria real*⁷. Dentre as mais de setenta epístolas, foram selecionadas as missivas, em latim e em catalão, relacionadas aos procedimentos para a organização do cerco à Almeria e a preocupação do monarca Jaime II em contratar profissionais de saúde para participarem de sua expedição militar. No contexto em estudo, as cartas régias que são um meio de comunicação e um veículo importante para o exercício do poder, seguem um conjunto de normas epistolares com regras sociais, linguísticas e estilísticas (OUDIN, 2008). No que se refere à estrutura, a correspondência analisada mantém uma estrutura uniforme: título; saudação; exposição do assunto; disposição e data.

A divisão deste texto, estruturado em três partes, compete, em primeiro plano, à abordagem acerca da expansão da Coroa Aragonesa durante o reinado de Jaime II e o seu projeto de Cruzada visando à conquista de Almeria. A segunda e a terceira parte centram-se no estudo da correspondência régia da Coroa de Aragão relativa ao cerco. Primeiramente, a ênfase da investigação relaciona-se aos preparativos para a organização da campanha militar. E, por fim, na última parte, a análise tem como foco a participação de profissionais de saúde que integraram o cerco à Almeria.

⁶ O catalão Arnaldo de Vilanova (1240-1311) nasceu em Valência, na época da conquista da região pelo monarca Jaime I (1208-1276) de Aragão, e faleceu em Gênova em 6 de setembro de 1311. Estudou Medicina em Montpellier e exerceu um relevante papel junto aos reis e papas, prestando-lhes serviços diplomáticos, mas, principalmente, dedicando-se à saúde de autoridades importantes em sua época, como a dos sumos pontífices Bonifácio VIII (1294-1303) e Clemente V (1305-1314) e a dos monarcas de Aragão Pedro III (1276-1285), Afonso III (1285-1291) e Jaime II (1291-1327).

⁷ A *Cancilleria real* contém as cartas reais de Jaime II (nº 201 – 2600) e encontra-se no Arquivo da Coroa de Aragão, em Barcelona, criado, em 1318, pelo próprio monarca que ordenou a cópia de todos os documentos em séries temáticas de registros.

Jaime II de Aragão e a Campanha de Almeria

O sítio à cidade de Almeria, em 1309, se insere no processo de expansão da Coroa aragonesa que, nos séculos XIII e XIV, estendeu seus limites territoriais para regiões da costa mediterrânea, como as ilhas Baleares, a Sardenha e a Sicília e também para o mundo muçulmano. Nesse contexto da Guerra de Reconquista contra os mouros, os aragoneses conquistaram Valência em 1240 e Múrcia, em 1304.

No medievo, cercos como o de Almeria eram decisivos para o assalto levando à rendição da cidade pela falta de alimentos. Nesse sentido, os assaltos-surpresa às fortalezas e demais atividades bélicas visavam o saque, a represália, o desgaste do inimigo, a prisão de cativos para resgate e conseqüentemente a conquista de algumas bases de ataque nas regiões fronteiriças.

No momento da campanha militar contra a cidade de Almeria, o reino de Granada era governado por Muhammad III (1302-1309). Durante o reinado de Jaime II, de 1291 a 1327, as relações entre os dois reinos foram marcadas pelas alternâncias entre acordos de paz e conflitos⁸. Nesse contexto, o ponto extremo da vida comercial do mundo árabe baseou-se no porto mais oriental de Andaluzia, em Pechina. A cidade de Almeria, que sucedeu Pechina nesse papel, era um importante ancoradouro e a chave do comércio de Al-Andalus com a África e o Oriente (SANCHEZ-ALBORNOZ, 1960, p. 386-401).

As relações entre a Coroa de Aragão e o reino de Granada tornaram-se hostis quando estes ocuparam, em 1306, Ceuta, no Marrocos. Assim, ao controlarem essa cidade no norte da África e também Algeciras, Gibraltar, Málaga e Almeria, na península Ibérica, os nazari eram uma ameaça aos interesses do monarca de Aragão. Os conflitos entre os dois reinos se intensificaram, sobretudo após Jaime II anexar parte do reino de Múrcia à Coroa aragonesa, em 1304. Nesse período, o monarca teve que se defender dos ataques realizados pelos nazari, que saqueavam os bens dos comerciantes catalães que viajavam pela região e incitavam a revolta da população sarracena do reino de Valência. O sistema defensivo em Granada foi o elemento mais importante para a manutenção do reino que se mantinha defendido por seu meio físico natural e por suas bases militares e de vigilância que compunham uma forte rede de proteção do território. Em cada zona de fronteira, havia uma cidade que servia de base para a partida dos assaltos. Nesse sentido, a cidade de Almeria representava a abertura de uma fronteira direta com o reino muçulmano, o que significava, expansão do território aragônês, incentivo ao comércio com os nazari e recebimento de tributos. Assim, considerando os reinos cheios de

⁸ Em 1304, por exemplo, destacam-se os ataques e saques dos nazari à Vila Joiosa e a Cocentina, bem como a invasão a Alcoy e ao Jardim de Alicante, tiveram como resultado o cativo de muitos cristãos e a fuga de muitos mudéjares do sul de Valência para Granada.

fortificações, desde pequenas torres defensivas até grandes cidades muradas, qualquer tropa invasora que pretendesse estender seu domínio deveria anexar esses pontos fortes (LADERO QUESADA, 2002; MONTALVO, 2006; SANCHEZ-ALBORNOZ, 1960; CIFUENTES I COMAMALA; MCVAUGH, 1998).

Considerando que o planejamento bélico das terras favorecia tanto o ataque quanto à defesa do reino, observa-se que a cidade de Almeria era um importante ponto estratégico, pois representava uma base nazari no limite fronteiro com o reino de Aragão. Por este ângulo, compreende-se o desejo de Jaime II em conquistar essa cidade, por razões políticas, em virtude da fragilidade da fronteira meridional suscetível aos ataques dos nazari de Granada. Adicionalmente, destacam-se também os interesses econômicos, pois ocupar Almeria representava uma oportunidade para ampliar-se os limites de Aragão, contribuindo assim para a projeção mercantil de catalães e valencianos nos portos de Granada.

Nessa perspectiva, compreende-se que a conquista da cidade de Almeria atendia aos interesses aragoneses por dois motivos principais: 1) beneficiaria o comércio catalão-aragonês no Mediterrâneo ocidental; 2) era uma base estratégica para o controle do estreito e para a entrada até o norte da África. Nesse contexto e considerando esse jogo de interesses visando à expansão da Coroa Aragonesa pela costa mediterrânea da península, o monarca de Aragão, Jaime II, estabeleceu uma aliança com Castela e Marrocos contra o reino de Granada.

Em dezembro de 1308, o rei Jaime II reuniu-se com o monarca de Castela, Fernando IV (1295-1312), em Santa Maria de Huerta, para planejarem a campanha militar. Nessa coligação, estabelecida pelo tratado de Alcalá de Henares, assinado no dia 19 de dezembro de 1308, cabia a Jaime II direcionar seu exército contra Almeria, enquanto o rei de Castela atacava Algeciras e Gibraltar, ao sul do reino nazari⁹ (MCVAUGH, 1992).

O sítio à Almeria, ao mesmo tempo que tinha como objetivo expandir o território da Coroa de Aragão, foi planejado por Jaime II como um projeto de cruzada contra o reino nazari de Granada. Compreende-se assim as tratativas do rei em conseguir o apoio da Santa Sé para que a sua campanha militar fosse concebida como uma cruzada. Nessa perspectiva, em setembro de 1308, antes da reunião com Fernando IV de Castela, Jaime II com o propósito de obter apoio financeiro e espiritual, enviou embaixadores à cúria pontifícia, em Avinhão, e dentre eles estava o físico catalão Arnaldo de Vilanova, como se nota em carta de 4 de setembro de 1308:

⁹ Em 1237, o sultão Muhammad I al Nasrí conquistou Granada e iniciou a dinastia nazari que governou o reino de Granada até 1492.

Por meio do senhor irmão Ramón Lugin, enviei, no dia anterior, esta nova carta com meus auspícios, o qual, para vossa majestade, dirigiu o seu caminho (viajou), o qual também me pediu anteriormente que eu fosse à cúria do sumo pontífice na companhia de certos bons homens de nossa terra, os quais, assim como a mim, ele pedira, para requerer e para suplicar ao próprio sumo pontífice que fizesse as gentes tomarem, com honra e com a boa fé cristã, a santa cruz que está sobre a terra dos sarracenos da Espanha, na terra do rei de Granada. Por causa do mau estado em que nossa terra permanece, não teve forças para atendê-los nesta questão. Por isso, vendo o senhor prefeito Ramón que não podemos sair da cidade, vai, no presente tempo, a Marselha ao encontro do mestre Arnaldo de Vilanova para ir à cúria do sumo pontífice a fim de tratar e ordenar que, se puder, a cruz já mencionada seja tomada pelas gentes, e que também a vossa serenidade venha a ser o capitão, o senhor e o chefe desta questão. (CARTA RÉGIA I, 04/09/1308, p. 878-879).

Um mês antes de iniciar o conflito, identifica-se em outra carta, datada de 11 de junho de 1309, nova tentativa do rei Jaime II em obter o apoio da cúria pontifícia para que sua campanha contra Granada fosse considerada uma cruzada contra os infiéis. A esse respeito, após tratativas diplomáticas, o monarca recebeu apoio do papa Clemente V (1305-1314) (CARTA RÉGIA I, 11/06/1309, pp. 880-882).

No final de agosto, durante o cerco, Jaime II escreveu ao físico Arnaldo de Vilanova apresentando, inicialmente, uma lista de ataques e crimes realizados pelos muçulmanos do reino de Granada contra os cristãos que “[...] suportaram até agora com os pérfidos sarracenos em áreas da Espanha, os quais habitam o território do Rei de Granada, e eles sofrem com assassinatos, escravidão, deflorações de virgens e de outras mulheres cristãs [...]” (CARTAS RÉGIAS II, 27/08/1309, p. 84-85). Desse modo, justificava sua empreitada contra os nazari. Depois, pediu sua intervenção junto ao papa Clemente V e aos cardeais com o objetivo de conseguir mais apoio financeiro para seu projeto de cruzada.

Os preparativos para o cerco

A guerra medieval era sazonal e envolvia sítios ou bloqueio de fortificações. Pela análise dos conflitos militares no Medievo, observa-se o caráter cíclico das viagens ligadas às questões bélicas. Assim, eram iniciadas, normalmente, durante a primavera e por questões de segurança, comodidade e para não ficarem expostos aos rigores do clima, deviam ser finalizadas antes do inverno, pois com esse período, a neve impedia o avanço das tropas e bloqueava os portos. Além disso, durante essa estação, a chuva alagava os caminhos, e os rios, ao transbordarem, destruíam pontes dificultando a realização da campanha militar. Nessa perspectiva, compreende-se que em relação às estações do ano, cabia ao verão o período principal da luta.

Notandum, ano XXVII, 2024 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Pela análise da correspondência oficial da Coroa de Aragão, identifica-se que o planejamento da campanha de Almeria começou na primavera de 1309. A organização da campanha militar exigia o recrutamento de guerreiros, cortesãos, profissionais da saúde, além de provisões de alimentos, medicamentos, armas e cavalos para os combates.

Assim, nas missivas em estudo, identifica-se que, na organização do sítio a Almeria, uma das providências iniciais foi a convocação das tropas para participarem do cerco. No processo de Reconquista contra os muçulmanos do reino de Granada, os monarcas de Aragão contavam com o apoio da nobreza que participava das batalhas e era beneficiada pela expansão territorial da Coroa aragonesa. A delegação que acompanhou Jaime II era composta por nobres catalães, aragoneses e valencianos, destinados ao combate. Além desses, as tropas eram formadas também por homens recrutados diretamente pelo monarca com seus próprios recursos e que estavam à sua disposição.

Do mesmo modo, a campanha militar necessitava da atuação de outros profissionais que faziam parte da corte do rei, como os escrivães, notários, camareiros, copeiros, cozinheiros e também de artesãos que atuavam em diferentes áreas, como construção, tecelagem, madeira e, sobretudo, metalurgia para fabricar armamentos. Considerando ainda os ferimentos nos campos de batalha, contava-se também com a presença de profissionais da saúde para cuidarem do monarca e dos feridos em batalhas.

Além do recrutamento de homens, havia por parte da administração militar, responsável pela organização dessa expedição, a tarefa de conseguir cavalos tanto para auxiliarem no combate quanto para servirem de montaria a alguns dos integrantes da corte. Nesse contexto de expansão militar, marcado por conquistas de terras, os animais equestres eram uma ferramenta essencial para as campanhas militares. Assim, prevalecia a necessidade de adquirir esses cavalos para a cavalaria e também como animais de carga. Os melhores eram utilizados nas batalhas pelos nobres, o que figurava como símbolo da sua situação econômica e social (GOMEZ, 2006).

As trocas epistolares que integram a Correspondência oficial da Coroa de Aragão fornecem informações sobre a compra dos cavalos, do número e do estado dos animais levados para a campanha de Almeria. A maioria dos animais foi levada por seus proprietários e outros foram fornecidos pelo rei aos membros da sua comitiva. Ao longo do ano de 1310, após o sítio, observa-se nas cartas a preocupação com o pagamento de animais equestres cedidos para a empreitada, mas mortos durante as batalhas ou na viagem de retorno a Aragão, conforme se observa na missiva de outubro de 1310:

Notandum, ano XXVII, 2024 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Pedro Geronese, da família do nobre Bernardo de Cruilles, em vosso retorno da última viagem a Almeria na qual fostes conosco, um cavalo de pelo castanho-avermelhado, com as canelas das patas dianteiras e da pata traseira direita brancas, o qual conduzistes em nosso serviço durante a viagem, foi vencido pela fraqueza ao longo do caminho, logo após dois dias foi conduzido ao estábulo de pedra talhada, e aí mesmo morreu [...]. (CARTAS RÉGIAS II, 26/10/1310, p. 105).

Pela análise das cartas percebe-se ainda que o planejamento de uma campanha militar, pressupunha também a preocupação com a organização de um estoque suficiente de alimentos para abastecimento, principalmente de grãos. Em uma das missivas de junho de 1309, Pere Foces, comprador do rei, lista alguns alimentos comprados para abastecer a embarcação do monarca Jaime II: “sal, açúcar, *amelons*, vinho branco e tinto, carne salgada, azeite e *moltons*” (CARTAS RÉGIAS II, 06/1309, p. 77-78).

Essa organização das provisões requeria financiamento por parte dos aragoneses como se observa em uma carta, de 21 de maio de 1309. Na missiva, além de ressaltar a importância dos recursos alimentares para a guerra, Jaime II solicitava a vários habitantes da cidade de Lérida¹⁰, em forma de empréstimo, o fornecimento de grãos, sobretudo trigo, para o cerco, o que deveria ser entregue ao tesoureiro real, Pere Marc.

Jaime, etc... Por razão da feliz presente expedição de viagem que, tendo o Senhor por autor, ordenamos fazer com nossa armada contra o Rei de Granada e contra a sua terra e as suas gentes; recursos alimentares são muito necessários a nós, com os quais vós podeis nos auxiliar [...] por isso, afetuosamente buscamos e rogamos a vós, sobre a maior quantidade de grãos que puderdes entregar ao nosso estimado conselheiro, Berengário de Manso. (CARTAS RÉGIAS II, 21/05/1309, p. 76-77).

Nas cartas identifica-se ainda outra preocupação por parte dos organizadores da expedição: aquisição de instrumentos e remédios, ou seja, questões atinentes ao ofício médico. A esse respeito, observa-se em convocação direcionada ao cirurgião régio Berenguer Sarriera que o tesoureiro régio Pere Marc forneceu-lhe dinheiro para que ele comprasse os instrumentos e medicamentos necessários à realização de seu ofício durante o cerco a Almeria. Contudo, não especifica os itens a serem comprados. Em outra epístola, destinada ao cirurgião Bartolomeu Safont, consta a informação de que seria fornecido a ele um cavalo para participar do cerco à Almeria. Além disso, o tesoureiro régio pagou-lhe 400 soldos para adquirir emplastos,

¹⁰ Os habitantes de Valência, por exemplo, contribuíram com cem mil soldos de Barcelona, conforme observa-se em missiva de 14 de julho de 1309.

unguentos, tecidos e todo o material necessário à realização de seu ofício (CARTAS RÉGIAS II, 08/05/1309; 15/07/1309, p. 76-80).

A expedição contra Almeria apresentava várias dificuldades, mormente porque a recente conquista de Múrcia fazia desse território um lugar instável. Em função disso, o rei optou por realizar a viagem pelo mar por ser mais seguro e mais rápido, acompanhado dos nobres aragoneses, catalães e valencianos. A frota comandada por Bernad de Sarriá partiu de Valência no dia 18 de julho e era formada por 200 navios de guerra, transportando mil cavalos e quatro mil guerreiros, a metade deles besteiros e, os outros, escudeiros. Ao mesmo tempo, outra parte das tropas fez o percurso, por terra, de Valência a Almeria (CIFUENTES I COMAMALA; MCVAUGH, 1998). Ambas as forças reuniram-se no final de julho, no Cabo Aljub, perto de Santa Pola e, posteriormente, cada uma seguiu o seu próprio caminho para Almeria. Em meados de agosto a armada chegou ao Cabo Al Fund, na costa de Almeria.

No contexto dessa campanha militar, o físico catalão Arnaldo de Vilanova, compôs para o rei Jaime II¹¹, o *Regimen castra sequentium* (1310), conhecido como *Regimento de Almeria*. Escrita em latim, essa obra, ao contrário dos demais regimentos direcionados a um indivíduo específico, destinava-se não somente aos cuidados com a saúde do monarca, mas também com a de todos os seus guerreiros que, desde o verão de 1309, sitiavam a cidade muçulmana de Almeria no processo de Reconquista contra o reino muçulmano nazari de Granada. Nesse escrito dietético, identificam-se temas relacionados à medicina castrense, entre os quais: onde armar o acampamento, o envio de patrulhas à frente do exército, como purificar a água, os cuidados com a limpeza do acampamento e a necessidade do sepultamento dos mortos e os tratamentos e remédios contra peste e febres.

Arnaldo de Vilanova inicia o *Regimen de Almeria* com a discussão sobre o ar e o meio ambiente, pois considera que, em meio à campanha militar, a preocupação inicial alude também à primeira *coisa não-natural*. Logo, aconselha o rei na escolha dos melhores lugares para armar acampamento, evitando locais próximos aos pântanos. A esse respeito, afirma que “Um exército não deve armar acampamento em regiões pantanosas por um longo período” (ARNALDO DE VILANOVA, 1310, p. 131).

O cuidado em evitar os pântanos deve-se ao fato de ser este um local com água estagnada, cheiro fétido e putrefação (animais em decomposição), o que tornava o ar impuro e propício para o surgimento de enfermidades pestilentas, portanto, impróprio para longas

¹¹ O outro escrito arnaldiano, composto para o monarca Jaime II, é *Regimen sanitatis ad regem Aragonum* de 1308, em que propunha a manutenção da saúde do rei e a prevenção de enfermidades mediante indicações de medidas dietéticas.

Notandum, ano XXVII, 2024 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

permanências. Considerando esses elementos, Arnaldo de Vilanova, atentava-se para os cuidados em evitar doenças que, muitas vezes, eram consequências da insalubridade do acampamento. Assim, indica como medida dietética que “O exército para ser preservado da epidemia, deve escavar poços em todo lugar fora das suas linhas, como trincheiras, onde os corpos e resíduos de animais devem ser jogados, e quando eles estiverem meio cheio, cubra-os com terra” (ARNALDO DE VILANOVA, 1310, p. 131).

Do mesmo modo, na escolha do local para armar o acampamento, Arnaldo de Vilanova, seguindo os preceitos de Hipócrates, Galeno, Vegécio e das *auctoritates* árabes, como Avicena, Razis e Averróis, recomenda considerar a presença de água boa para consumo. Em sua concepção, essa deveria ser uma das principais preocupações das tropas durante as campanhas militares, pois havia o risco do envenenamento dos poços e pequenos cursos d’água. Trata-se de um tema que ocupa posição central nas questões atinentes à medicina militar e, portanto, integra a maior parte das recomendações no *Regimento de Almeria* (SANTOS; FAGUNDES, 2017). Nessa perspectiva, o físico catalão indica em seu *Regimen* como verificar se a água de cisternas e poços pode ser utilizada, primeiramente, observando se há uma massa oleosa no fundo. Se tiver, a água não poderá ser utilizada. Se não houver, orienta como reconhecer se a água está ou não contaminada:

Umedeça completamente um pano fino e de linho branco na água e dobre-o livremente [sem apertar]; após dobrá-lo, deve amarrá-lo com uma corda, suspendê-lo ao sol ou no ar, e, quando secar, desdobra-lo. Se aparecer manchas nele, independentemente da cor, com certeza a água deve estar contaminada, mas, se não estiver manchado, a água é pura. (ARNALDO DE VILANOVA, 1310, p. 132-133).

Assim, na campanha militar do rei Jaime II contra o reino de Granada, a escolha por armar acampamento no Cabo Al Fund, na costa de Almeria, se justifica, primeiramente, por não ser um local pantanoso. Além disso, era o lugar ideal para as tropas montarem acampamento devido à água de suas nascentes, à proximidade do vale do Pechina, por ser rico em madeira, pastagens e próximo à saída da estrada de Granada que permitia visualizar possíveis reforços enviados pelos nazari e também por ser um local quase plano, adequado para manobras.

A equipe médica aragonesa na Campanha de Almeria

O monarca Jaime II, ciente da necessidade de ter, em suas campanhas, assistência médica adequada, convocou físicos, boticários, cirurgiões, barbeiros e menescais para atuarem

Notandum, ano XXVII, 2024 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

durante a Campanha de Almeria. A documentação do arquivo da Coroa de Aragão comprova a presença desses profissionais de saúde em suas expedições para Múrcia (1296-1300), Sicília (1298-1299) e Montfalcó (1302), bem como para Almeria (1309-1310).

Esses profissionais viam a guerra como um laboratório de aprendizagem. Ainda que estivessem cercados por barbeiros e boticários, os membros da família real aragonesa dependiam da grande influência de físicos e cirurgiões no regime de vida, no tratamento de suas enfermidades e nas campanhas militares (FERRAGUD, 2007).

Nesse contexto, os reis desvelavam-se para a criação de um esquema ordenado de assistência médica aos feridos em batalha. Em ordens de pagamento feitas pelo tesoureiro do rei Jaime II, encontram-se quantias adiantadas como pagamentos e identifica-se o número de profissionais convocados: oito cirurgiões e cinco barbeiros e somente três físicos, dois boticários e dois menescais.

A análise das missivas fornece-nos os nomes desses profissionais que integraram tal campanha militar. Em relação aos físicos, além de Joan Amell e Martin de Calça Roja, que atendiam a família real em Valência e, normalmente, acompanhavam o rei nas batalhas, nota-se também a presença do físico judeu¹² de Saragoça, Azarías Abenjacob.

Um dos principais aspectos que diferencia os físicos cristãos dos demais profissionais da saúde no Medievo era a sua formação universitária. Diferentemente de outros práticos da medicina como os barbeiros, boticários e menescais que adquiriam os saberes para exercer o ofício sem a formação acadêmica, os físicos ao cursar medicina numa das universidades do período adquiriam mediante a escolástica médica os elementos necessários para emitir um prognóstico e diagnóstico. Assim, enquanto *artifex factivus sanitatis*, ao descobrir as causas das doenças, tornava possível não somente o tratamento, mas também identificar as prescrições destinadas à conservação da saúde. O conhecimento médico adquirido nos centros de saberes fornecia aos físicos o conteúdo intelectual baseado nos ensinamentos das *auctoritates* antigas e árabes que concederam à medicina universitária medieval a resposta intelectual para o entendimento dos processos vitais do corpo humano e a distinção da fronteira entre a saúde e a enfermidade (FAGUNDES, 2014).

¹² No período em estudo, os físicos judeus eram proibidos de cursar Medicina nas universidades. Eram, portanto, marginalizados dos centros de formação universitária. Mesmo assim, nas comunidades judaicas, a medicina fazia parte da formação dos alunos que se dedicavam ao estudo da ciência médica, possuíam obras de medicina greco-árabes e tinham o domínio do idioma árabe, principal veículo de comunicação do saber médico, utilizado pelos tradutores judeus.

Notandum, ano XXVII, 2024 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Do mesmo modo, participaram da campanha, dois boticários, Ramon Bonifai de Tortosa, e Guillem Jordà de Barcelona. Os boticários eram profissionais que lidavam com duas categorias de medicamentos: simples ou plantas medicinais (às vezes, alguns produtos de origem animal ou mineral também eram incluídos); e compostos (feitos a partir de uma mistura de ingredientes, cada um desempenhando sua função no corpo: aquecer, abrir, amadurecer). Cabia ao boticário o domínio do conhecimento em medicina para ler e interpretar as receitas prescritas pelos físicos e produzir medicamentos. Assim, em seu ofício pressupunha saber identificar os nomes técnicos das plantas, conhecer os ingredientes que poderiam produzir os efeitos desejados, sozinhos ou em combinação, e tinha que misturá-los em proporções. Nessa perspectiva, observa-se que o ofício do boticário envolvia a confecção de unguentos, xaropes, cataplasmas, emplastos, eletuários, clisteres, colírios, remédios em pó, em pílulas ou líquidos fervidos (MCVAUGH *apud* GARCIA-BALLESTER, 2001; GARCIA-BALLESTER, 2001).

As cartas que integram a correspondência oficial da Coroa de Aragão, datadas de 08 de maio e 15 de julho de 1309, comprovam a preocupação em adquirir esses medicamentos que se inserem no campo de trabalho da equipe médica que atuaria no cerco. Por isso a preocupação com a compra de unguentos, tecidos, emplastos e demais medicamentos e materiais para que os cirurgiões e barbeiros exercessem os seus ofícios. Durante o cerco, em carta de 13 de setembro de 1309, destinada ao tesoureiro régio Pere Marc, em Barcelona, o monarca Jaime II solicita a compra de medicamentos: “Nós ordenamos e lhe dizemos que, pelo que você viu o presente, compre ou faça com que seja comprado, e que o subscrito seja finalizado nas quantidades subscritas [...]” (CARTA RÉGIA II, 13/09/1309, p. 85).

Essa preocupação com os medicamentos para uso durante o sítio em Almeria é identificada em outra missiva em que a rainha D. Blanca ordenou ao seu tesoureiro, Romeo Gerald, atendendo ao pedido do físico do rei Jaime II, Martí de Calça Roja, a pagar o que lhe era devido, a Huguet, sobrinho de Peter Judici, boticário de Barcelona pelos vários medicamentos que enviou durante o sítio (CARTAS RÉGIAS II, 30/09/1310, p. 104-105).

Pela análise das missivas relacionadas ao cerco em Almeria foi possível mapear a equipe médica que atuou no campo terapêutico durante o conflito, especificamente no tratamento dos feridos. Foram convocados também oito cirurgiões de várias localidades de Aragão: Berenguer Sarriera (Girona), Bartolomeu Safont (Valência), Bernat de Pertegas (Sant Celoni), Domingo de Perpinya (Perpinyà), Ferrer Moragues (Valência), Arnaldo Metge (Morella), Domingo de Cosco (Alcolea de Cinca) e Andreu Bric (Alcolea de Cinca). Do mesmo modo, foram chamados cinco barbeiros: Bernat de Desprat (Manresa), Ferrer d’Espina (Manresa), Juan Garcés (Osca),

Notandum, ano XXVII, 2024 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Peron Martinez (Osca) e Bartolomeu de Naam (Manresa). O grande número de convocações de cirurgiões e barbeiros devia-se ao fato de serem profissionais cujo ofício ligava-os aos cuidados com fraturas, feridas, abscessos e enfermidades de caráter externo. Consequentemente, tornava-os indispensáveis ao tratamento dos feridos no campo de batalha.

Assim, a partir da análise da correspondência oficial da Coroa de Aragão, observa-se que a equipe médica para atender ao rei e ao exército de Aragão era constituída por físicos, boticários, cirurgiões, barbeiros e menescais. No acampamento médico, havia uma atuação em colaboração conjunta desses profissionais. A esse respeito, compreende-se que os cirurgiões e os barbeiros, ao cuidarem dos ferimentos, precisavam de remédios que eram produzidos pelos boticários a partir das recomendações dos físicos.

Os barbeiros normalmente atuavam lavando, cortando e penteando os cabelos e fazendo as barbas. Além dessa vertente higiênica, incorporaram a seu ofício o exercício de pequenas operações de cirurgia, como a sutura de feridas e, sobretudo, a flebotomia ou sangria terapêutica e a extração de dentes. Portanto, esse papel que relaciona-se ao campo da terapêutica explica a convocação desses profissionais para o cerco de Almeria. Assim, a atuação médica nas expedições militares, possibilitava aos cirurgiões e também aos barbeiros o exercício da profissão e a experiência. Nessa perspectiva, os campos de batalhas era uma escola prática para esses profissionais, devido à quantidade de feridos para cuidarem. Do mesmo modo, tornava-se um espaço eficiente para aprimorarem suas habilidades (CIFUENTES I COMAMALA, 2011; FERRAGUD, 2007).

Em relação aos ferimentos dos guerreiros nas batalhas em Almeria, nas missivas relacionadas ao cerco, não são indicados os tipos de lesões. Há somente a menção de uma “grave enfermidade” e consequentemente o ferido retornaria para Valência. Dentre os relatos presentes nas cartas, destaca-se o caso de um dos funcionários da corte da rainha, Joan de Hanau, que, por estar enfermo, foi dispensado, e autorizado a voltar a Valência. É mencionado também o cavaleiro Gascón Eximén de Ayerbe que adoeceu durante a campanha e os físicos recomendaram que ele retornasse ao reino para cuidar da saúde. Do mesmo modo, em uma missiva datada de 12 de outubro de 1309, consta:

Ao seu estimado Enrico de Quintavalle, mensageiro nosso em Valência, saudação e estima. Como Tomás Pesor, portador da presente carta, da família Joan de Rocafort de nossa estimada comitiva, por causa de grave enfermidade que sofre nas pernas e tíbias, deve voltar para Valência; por isso desejamos e ordenamos a vós que providenciais para o mesmo Tomás os meios para sua subsistência até que nós tenhamos chegado aí ou até que o próprio esteja

Notandum, ano XXVII, 2024 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

plenamente curado da sua mencionada enfermidade, dando a ele por cada dia oito denarios de Valência (CARTAS RÉGIAS II, 12/10/1309, p. 87).

Na correspondência em análise, não são descritos os tipos de ferimentos em tempos de guerra. A carta acima é uma das poucas que fornece o local do ferimento: doença nas pernas e tíbias. Assim como nas missivas, nos escritos cronísticos¹³ também não são fornecidas informações detalhadas acerca do tipo e local de ferida e nem a arma que a gerou.

A respeito dos ferimentos em batalha, observa-se que nos combates as lesões mais comuns, devido à proteção de parte do corpo com escudo, ocorriam na cabeça, na face, na garganta, no ombro direito e nas pernas. Durante os sítios, eram frequentes as queimaduras ou ferimentos causados pelo lançamento de pedras. As partes do corpo mais vulneráveis a golpes de diferentes armas (espada, machado, arcos, bestas, lanças, etc) eram a cabeça, os braços e as pernas (BARBOSA, 2012).

Dentre os preceitos terapêuticos inovadores indicados por Henri de Mondeville (1260 - 1320), em sua obra *A Cirurgia*, ressalta-se a importância de os ferimentos serem lavados com vinho quente e secos com panos limpos para evitar infecção. Nesse escrito, Mondeville, recomenda inicialmente identificar o tipo de ferimento, o tamanho, a sua causa, o membro ferido etc. Em sua concepção, as lesões causadas por objetos penetrantes, principalmente as flechas, eram as mais comuns nos campos de batalha. Nesse caso, após o uso de vinho, o objeto deveria ser retirado e a ferida limpa com tecidos higienizados e, em seguida, suturada para auxiliar na cicatrização (DAMACENO, 2020; GHOST, 2015).

Desde o século XIII, os monarcas foram para a guerra na companhia de um número de indivíduos comprometidos com a saúde humana e com a dos animais. Nas batalhas, fazia-se presente um sistema bem disposto de cuidados médicos não mais apenas como privilégio da elite, mas também estendido a preservar a saúde de todo o exército.

Na análise das missivas selecionadas para o estudo, nota-se também a preocupação com as doenças e ferimentos¹⁴ dos cavalos durante as campanhas militares. Nesse sentido, pelo exame das convocações para a expedição contra Granada, o monarca Jaime II atentava-se em integrar, na equipe médica, os menescais, profissionais responsáveis pela saúde desses animais.

¹³ Nas crônicas aragonesas, são relatados brevemente o cerco e o fracasso da empreitada. A exemplo, temos obras de dois cronistas de Aragão: a Crônica do catalão Ramón Muntaner (1265 – 1336), contemporâneo do conflito, e *Anales del reyno de Aragón*, de Jerónimo Zurita (1512 - 1580).

¹⁴ No que se refere aos ferimentos dos cavalos durante, na expedição a Almeria, nas missivas constam mortes por exaustão durante a viagem de retorno a Aragão ou feridas nos campos de batalha, sobretudo nas patas.

Notandum, ano XXVII, 2024 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Tal dado devia-se à importância da utilização dos cavalos nos campos de batalha, apresentando assim, um alto valor no mercado em razão do seu papel na guerra.

Os menescais desempenharam grande variedade de atividades ligadas ao seu ofício: seleção de animais, compra e venda, doma, colocação de freios, ferra, forja de metais e cuidados com a saúde requerendo dos menescais, assim como dos físicos, o domínio das teorias do galenismo árabe medieval. Nessa perspectiva, os preceitos utilizados eram os mesmos adotados para a manutenção da saúde e o tratamento de enfermidades recomendados na medicina humana, tais como a dietética e a terapêutica que englobava a prescrição de medicamentos e a cirurgia (FERRAGUD, 2018; FERRAGUD, 2011).

Em relação à atuação de menescais no cerco à Almeria, pelas cartas observa-se que o monarca Jaime II convocou dois desses profissionais: Arnaldo Cirera, menescal régio, e Diego Perez, contratado para servir as tropas de Artal de Luna. Além daqueles que já exerciam o ofício, as campanhas militares possibilitavam a participação de ajudantes. Por exemplo, Arnaldo Cirera era auxiliado por três aprendizes do seu ofício de menescal (CARTAS RÉGIAS II, 16/07/1310, p. 102).

A campanha militar em Almeria durou quatro meses: de agosto a dezembro de 1309. No início do sítio, as vantagens couberam aos aragoneses, que derrotaram as tropas granadinas na batalha campal. Durante o cerco, em carta destinada ao físico Arnaldo de Vilanova, Jaime II menciona a vitória e atribui o êxito aragonês à bênção de Deus na luta contra os infiéis: “Saudação ao venerável mestre Arnaldo de Villanova [...] Já há pouco, por meio de outra epístola nossa, escrevemos a vós, notificando-vos sobre a nossa vitória, que, pelo poder de Deus, obtivemos sobre os pérfidos sarracenos” (CARTAS RÉGIAS I, 04/09/1309, p. 884).

No que se refere à participação dos castelhanos na Campanha de Almeria, coube a eles começarem a cruzada realizando primeiramente o bloqueio de Gibraltar, que caiu em setembro de 1309, para depois, direcionar o foco das ações contra Algeciras. No entanto, nesse contexto, os habitantes de Ceuta que estava sitiada por Marrocos, por terra e mar, concluíram que os nazari não seriam capazes de suportar os ataques contra eles. E, no dia 20 ou 21 de julho, renderam a cidade ao sultão do Marrocos que, em vez de cumprir sua aliança com Jaime II, mudou de lado e chegou a um acordo separado com Granada. Assim, em meados de setembro de 1309, os nazari renderam Algeciras e Ronda aos marroquinos, que começaram a enviar tropas à península para defenderem-se contra os castelhanos. Em consequência desses acontecimentos, em janeiro de 1310, Fernando IV desanimado com a situação retirou-se da guerra e negociou a sua própria paz com Granada. Em relação ao acordo de coalizão tripla

(Aragão, Castela e Marrocos) contra o reino de Granada como resultado, os castelhanos conquistaram Gibraltar, os marroquinos Ceuta, Algeciras e Ronda. Já os aragoneses não atingiram o objetivo da expedição militar que era conquistar a cidade de Almeria (MARTÍNEZ SAN PEDRO, 1996; CIFUENTES I COMAMALA; MCVAUGH, 1998).

No cerco a Almeria, apesar de inicialmente as vitórias caberem ao reino aragonês, em outubro, a situação já não era mais favorável devido aos ataques do rei de Granada, o qual reuniu 15.000 homens para enfrentar as forças aragonesas, o que gerou a perda de 2.000 guerreiros de Aragão. Em 19 de dezembro, o rei de Granada propôs, em troca do rei Jaime II, levantar o sítio a Almeria, libertar os prisioneiros aragoneses e permitir o comércio entre os dois reinos. No início de janeiro de 1310, parte das tropas aragonesas já tinha retornado a Aragão. Após consultar seu conselho, o monarca decidiu, em 26 de janeiro de 1310, levantar o cerco e retornar à Valência, desistindo da empreitada (VALLVÉ, 1990).

Os problemas enfrentados por Jaime II durante a retirada das tropas na expedição contra Almeria não são mencionados nas narrativas cronísticas da época. A campanha contra Granada, a despeito de aparecer em várias crônicas aragonesas, é mencionada brevemente tanto em relação ao cerco quanto ao fracasso da empreitada.

Considerações finais

Por fim, no estudo da expedição militar à cidade de Almeria, observamos que organizar uma guerra pressupunha uma logística militar que abrangia o abastecimento com alimentos, remédios, cavalos e o recrutamento dos guerreiros. Além disso, considerando o cotidiano nos campos de batalha, marcado pela grande quantidade de feridos, o monarca Jaime II atentava-se para os cuidados médicos nesses locais.

Do mesmo modo, levando em conta a longa permanência do exército durante um cerco e os riscos de doenças epidêmicas, uma das preocupações iniciais era encontrar o melhor local para armar o acampamento. Assim, na campanha militar em estudo, foi escolhido o Cabo Al Fund, na costa de Almeria, primeiramente, por não ser próximo a pântanos que continham ar impuro considerados responsáveis por gerar enfermidades pestilentas. Além disso, a escolha também se deu por ser um lugar que fornecia água própria ao consumo. Essas são as principais medidas da Medicina militar preventiva arnaldiana presentes no *Regimen castra sequentium* em que são indicadas prescrições dietéticas direcionadas a um ambiente específico: a guerra.

O sítio contou com a atuação de uma equipe médica que em sua maioria era composta por especialistas ligados ao ofício cirúrgico. Dos vinte profissionais convocados para participar

Notandum, ano XXVII, 2024 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

do cerco, treze eram cirurgiões e barbeiros cuja atuação, nos campos de batalhas, centra-se no atendimento aos feridos. Assim, esses aspectos observados na análise das missivas que integram a correspondência oficial da Coroa de Aragão, referentes ao cerco a Almeria, demonstram que durante o reinado de Jaime II havia a preocupação com os cuidados médicos tanto em tempo de paz quanto em época de campanhas militares.

Referências

Fontes

ARNALDO DE VILANOVA. Regimen Castra Sequentium. In: MCVAUGH, Michael R. (Org.). **Arnaldi de Villanova Opera Medica Omnia**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1998, p. 131.

CARTA RÉGIA I. In: FINKE, H. **Acta Aragonensia**. Vol. II. Berlim, 1908.

CARTAS RÉGIAS II - ALMERIA. In: MCVAUGH, M. R. **Arnaldi de Villanova Opera Medica Omnia**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1998, p. 75-128.

Bibliografia

BARBOSA, P. G. Curar em tempo de guerra: medicina castrense na Idade Média. In: BARBOSA, P. G. **História da saúde e das doenças**. Lisboa: Colibri; Universidade de Lisboa, 2012. p. 9-18.

CIFUENTES I COMAMALA, L. **Medicina i Guerra a L'europa Baix-Medieval**: La sanitat i la participació dels seus professionals en les expedicions militars de la Corona d'Aragó (1309-1355). Tese doctoral de la Universitat Autònoma de Barcelona, 1993, p.480.

CIFUENTES I COMAMALA, L. La cirurgia i la guerra en temps de Jaume I. In: CIFUENTES I COMAMALA, L. **Jaume I**. Barcelona: Institut D'Estudis Catalans, 2011. p. 843-862.

CIFUENTES I COMAMALA, L.; MCVAUGH, M. R. Introduction. In: CIFUENTES I COMAMALA, L.; MCVAUGH, M. R. **Regimen Almarie (Regimen Castra Sequentium)**. Barcelona: Fundació Noguera, 1998. p. 154-155.

DAMACENO, M. R. **Ensino, ofício e prática cirúrgica na obra de Henri de Mondeville**: cirurgiões na corte francesa e nos campos de batalha (séculos XIII-XIV). Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

FAGUNDES, M. D. da C. **Saber médico e poder**: as relações entre Arnaldo de Vilanova e a coroa aragonesa (séculos XIII-XIV). 2014. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

Notandum, ano XXVII, 2024
CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

FERRAGUD, C. Los oficios relacionados con la Medicina durante la Baja Edad Media en La Corona de Aragón y su proyección Social. **Anuario de estudios Medievales**, v. 37, n. 1, 2007, p. 107-137.

FERRAGUD, C.; LEÓN, R. M. O. La cura de cavalls, gossos i ocells de caça a la Corona d'Aragó: Entre la literatura específica i la seua assistència mèdica. In: SABATÉ, F. (Ed.). **Els animals a l'Edat Mitjana**. Pagès: Lleida, 2018. p. 119-140.

FERRAGUD, C. La atención médica de los animales durante la Baja Edad Media en los reinos Hispánicos. **Medievalismo**, 21, 2011, p. 29-54.

GHOSH, S. K. Henri de Mondeville (1260-1320): Medieval French Anatomist and Surgeon. **European Journal of Anatomy**, Salamanca, n. 19, p. 309-314, 2015.

GÓMEZ, M. L. El uso militar del caballo y algunas de sus implicaciones económicas en Aragón durante el reinado de Pedro IV. **Aragón en la Edad Media**, 2006, Universidad de Zaragoza, p. 301-307.

LADERO QUESADA, M.-A. La frontera de Granada: 1265-1481. **Revista de Historia militar**, 100, Madrid, 2002, p. 49-121.

MONTALVO, J. H. **Jaime II e el esplendor de la Corona de Aragón**. San Sebastián: Nerea, 2006.

MARTÍNEZ SAN PEDRO, M. D. Jaime II y la cruzada de Almería. **Anales de la Universidad de Alicante. Historia medieval**, n. 11, 1996, p. 579-586.

MCVAUGH, M. R. Arnaldo of Villanova's Regimen Almarie (*Regimen Castra Sequentium*) and medieval military medicine. **Viator: Medieval and Renaissance Studies**, 23, 1992, p. 201-213.

GARCIA-BALLESTER, L. **La búsqueda de la salud**: sanadores y enfermos en la España medieval. Barcelona: Ediciones Península, 2001.

LOUDIN, F. La pratique épistolaire médiévale entre norme et liberté. **Camena**, n. 2, 2008, p. 1-31.

SANCHEZ-ALBORNOZ, C. El sitio de Almería por Jaime II de Aragón. In: SANCHEZ-ALBORNOZ, C. **La España Musulmana**: según los autores islámicos y cristianos medievales. Madrid: Espasa-Calpe, 1960. p. 386-401.

SANTOS, D. O. A. dos; FAGUNDES, M. D. da C. Introdução à medicina castrense nos reinos ibéricos (Séculos XIII-XIV). In: ZIERER, A.; VIEIRA, A. L. B. (Orgs.). **História Antiga e Medieval**: conflitos sociais, guerras e relações de gênero-representações e violência. São Luís: Editora UEMA, 2017. p.305-315.

VALLVÉ, C. M. M. El sitio de Almería de 1309: el desarrollo de la campaña militar. **Coloquio Almería entre culturas (siglos XIII – XVI)**. Almería: Instituto de Estudios Almerienses de la Diputación de Almería, 1990. p. 171-186.